

OLHARES CONTEMPORÂNEOS SOBRE O CINEMA DE MULHERES NO BRASIL: PANORAMA E REFLEXÕES¹

Maria Fernanda Cavassani²
Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO

O presente estudo analisa a produção cinematográfica realizada por mulheres no Brasil, destacando os desafios enfrentados por cineastas em um setor historicamente dominado por homens, baseando-se em dados de festivais nacionais e levantamentos da ANCINE para demonstrar a desigualdade de gênero na direção fílmica. A partir de referenciais teóricos como Zecchi e Holanda & Tedesco, apresenta-se a noção de "gynocine" e a complexidade do conceito de cinema feminino, concluindo que, apesar dos avanços, a sub-representação das mulheres no audiovisual persiste, exigindo medidas para ampliar sua visibilidade e participação.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema Feminino; Representação Feminina; Desigualdade de Gênero; Audiovisual Brasileiro; Festivais de Cinema.

MULHERES NA DIREÇÃO: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES

O mapeamento e a catalogação do cinema produzido por mulheres no Brasil têm sido atividades centrais em diversas pesquisas dedicadas ao estudo do audiovisual feminino. No ambiente acadêmico, encontram-se discussões aprofundadas, abordagens teóricas consolidadas e levantamentos precisos sobre essa produção, historicamente negligenciada desde que a primeira cineasta empunhou uma câmera. Nesse sentido, torna-se compreensível e essencial a realização de estudos que contemplem recortes temporais e espaciais específicos sobre a participação feminina na cinematografia nacional. Desde suas origens, o cinema realizado por mulheres enfrenta desafios relacionados às questões de gênero, perpassando aspectos socioculturais, raciais, históricos, políticos e econômicos que frequentemente resultam no silenciamento de suas vozes dentro do meio audiovisual. Essa realidade persiste, mesmo diante de incentivos recentes voltados à inserção feminina na direção e produção de filmes. Ao considerar o cinema como um fenômeno social e dialógico, torna-se complexa a tarefa de estabelecer uma definição abrangente que contemple todas as cineastas brasileiras e que caracterize um cinema feminino unívoco.

¹ Trabalho apresentado no GT16SE – Estudos Audiovisuais, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutora em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, e-mail: mfcavassani@outlook.com.

Essa diversidade de experiências e perspectivas é ressaltada por Holanda e Tedesco (2017, p. 45), que apontam para um "amplo espectro de possibilidades de expressões", reconhecendo que, embora existam diferenças entre as cineastas, há também vivências compartilhadas que as aproximam. Com base nessa perspectiva, a presente pesquisa optou por focalizar esses elementos comuns, considerando que todas as mulheres – ainda que em graus distintos – estão inseridas em um contexto marcado pela hegemonia masculina, que atravessa e influencia diferentes esferas de suas vidas. Outro ponto relevante destacado por Holanda e Tedesco (2017, p. 45) é que o cinema produzido por mulheres assume um caráter político, ainda que não intencionalmente. Isso ocorre porque os desafios enfrentados por essas cineastas estão intrinsecamente ligados à sua condição de gênero.

Entretanto, essa questão abre margem para debates, uma vez que nem toda produção cinematográfica realizada por mulheres pode ser considerada feminista ou mesmo representativa de um cinema feminino. Em alguns casos, certas produções mantêm discursos misóginos e reforçam o status quo predominante e o simples fato de uma mulher dirigir um filme e viabilizar sua distribuição já representa uma transformação, ainda que sutil, na cadeia produtiva cinematográfica. Partindo dessa perspectiva, Barbara Zecchi propõe um novo termo para abordar a questão:

"[...] se nem todo cinema dirigido por mulheres é feminista, todos os filmes dirigidos por mulheres pertencem ao *gynocine*, porque todas as mulheres - incluindo as que se demarcam explicitamente feministas e/ou as que têm adentrado no mundo da direção em condições aparentemente mais favoráveis - pertencem a um sistema social marcado por relações de gênero (um "*sex-gender system*" para usar a expressão de Rubim, 1975) do qual não se pode prescindir" (ZECCHI, 2013, p. 15).

Dessa forma, a discussão acerca das definições do cinema feminino revela-se complexa. Enquanto o cinema feminino pode ser compreendido como aquele que aborda questões relacionadas ao universo da mulher sem necessariamente apresentar um viés político, o cinema feminista explicita debates ideológicos e demarca posições críticas sobre a realidade social. Contudo, muitas produções realizadas por mulheres não se encaixam rigidamente em nenhuma dessas duas categorias, o que torna o conceito de *gynocine* particularmente relevante para a discussão sobre a denominação do cinema feito por mulheres. Todavia, mesmo sendo uma designação adequada, o termo *gynocine* não é

consensual. A própria Zecchi discute essa questão, e a dificuldade de nomeação do audiovisual produzido por mulheres fica evidente quando se observa que não se fala em "cinema de homem" ou "cinema masculino".

Independentemente da temática abordada em um filme dirigido por um homem, seu gênero raramente é posto em destaque ou diretamente relacionado à sua obra. Tal distinção evidencia a desigualdade presente no reconhecimento e na análise das produções cinematográficas, justificando a necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre o cinema produzido por mulheres. Essa assimetria revela não apenas um viés estrutural na indústria cinematográfica, mas também a importância de dar visibilidade às cineastas e às narrativas que elas constroem.

Diante desse cenário, as mulheres têm se destacado ao reivindicar um espaço maior para difundir ideologias, pontos de vista e percepções de mundo. Junto a outras minorias, muitas delas buscam tornar o audiovisual mais inclusivo e igualitário, combatendo o machismo, a transfobia, o racismo e a misoginia. Embora o cinema feminino venha conquistando maior visibilidade, a disparidade em relação à produção masculina ainda é expressiva. No entanto, as cineastas seguem disputando posições, exigindo direitos e questionando a supremacia masculina, dando continuidade a uma luta que remonta aos primórdios da sétima arte. Afinal, o cinema feminino surgiu quase simultaneamente ao cinematógrafo, embora historicamente tenha enfrentado restrições para sua consolidação.

Compreender essa trajetória fornece pistas interpretativas valiosas para analisar os desafios e avanços da participação feminina no cinema, afinal o audiovisual produzido por mulheres reflete, em grande medida, os desafios, demandas e transformações vivenciadas por elas na sociedade contemporânea. Emergindo como uma forma de expressão questionadora, esse cinema amplia as narrativas e representações da experiência feminina, abordando interseccionalidades relacionadas à identidade, sexualidade e violência de gênero. O cinema produzido por mulheres configura-se, assim, como um campo marcado por tensões, perspectivas diversas e tentativas de ocupação de espaços, muitas vezes confrontando as imposições de gênero a que estão sujeitas. Esse processo ocorre não apenas no audiovisual, mas em todo o mercado de trabalho, tendo sua inflexão mais significativa no século XX. Tal contexto explica as temáticas recorrentes nos filmes dirigidos por mulheres, nos quais a luta pelo abandono do ideal

doméstico e pela inserção no mercado de trabalho, historicamente excludente, se reflete nas telas. Essa realidade é sintetizada por Liz e Tedesco (2020), ao citarem McDowell (1999):

Não por acaso, em diferentes filmes produzidos nos anos 1960 e 1970, vemos nas telas mulheres que flanam, trabalham ou lutam pela sua sobrevivência nas ruas de diferentes cidades. O espaço natural, muitas vezes usado como metáfora para a condição feminina, porque imbuído de valores tradicionalmente associados às mulheres, como pureza, emoção e irracionalidade, torna-se também espaço de contestação. As mulheres ocupam ao mesmo tempo os espaços de representação e de produção do cinema" (MCDOWELL, 1999, p. 18 apud LIZ; TEDESCO, 2020, p. 63).

Desde suas origens, as cineastas têm produzido um cinema ambivalente, que ora refuta ideais femininos impostos socialmente, ora os reafirma. Essa dualidade, longe de ser um problema, reflete a própria complexidade cultural, sendo expressão de um tempo e espaço em constante embate e busca por legitimação. Além disso, o cinema realizado por mulheres é permeado por debates e contrapontos, pois suas criadoras precisam lidar simultaneamente com diversas pautas, sem negligenciar inquietações particulares ao universo feminino. Essas características, que dificultam a plena consolidação do audiovisual feminino, não são exclusivas do Brasil, mas se manifestam globalmente, evidenciando que o gênero ainda é um fator determinante no contexto laboral do cinema.

As especificidades do cinema feminino na contemporaneidade são essenciais para uma compreensão mais clara e objetiva das dificuldades enfrentadas pelas mulheres nesse campo. Historicamente, e ainda atualmente, há interesses na manutenção de privilégios de gênero sustentados pela noção de uma suposta superioridade masculina, uma construção cultural, como aponta Beauvoir (2009). No entanto, diversas cineastas, junto a outros grupos marginalizados, empenham-se em transformar essa realidade, buscando representar a figura feminina de forma menos estereotipada e mais alinhada à mulher contemporânea. Romper com um ciclo enraizado há décadas não é tarefa simples, mas as diretoras e demais profissionais do audiovisual continuam lutando por essa mudança, como demonstram os dados apresentados neste estudo.

A análise dos dados desta pesquisa, baseada em dois dos mais importantes festivais de cinema do Brasil, revela que, entre 2001 e 2010, apenas 24,39% dos filmes vencedores na categoria de Melhor Filme foram dirigidos por mulheres. Esse número traz luz à desigualdade de gênero no setor cinematográfico, refletindo tanto as dificuldades

enfrentadas por cineastas mulheres nos sets de filmagem quanto a limitação de oportunidades de exibição e reconhecimento. Esses achados estão em consonância com os resultados do estudo realizado pela ANCINE (2018), que destaca como a baixa presença feminina na direção reduz significativamente suas chances de premiação nos festivais.

Os dados mais recentes da Agência Nacional do Cinema reforçam esse cenário. O relatório de 2018 sobre diversidade, gênero e raça no audiovisual brasileiro aponta uma grande disparidade entre homens e mulheres na ocupação de cargos estratégicos da indústria. Embora funções como Direção de Arte e Produção Executiva apresentem maior equilíbrio de gênero, áreas fundamentais para a construção narrativa, como Direção, Roteiro e Direção de Fotografia, continuam majoritariamente ocupadas por homens. Esses postos são essenciais para definir o olhar e o discurso do filme, moldando a forma como as histórias são contadas e interpretadas pelo público.

A direção, em especial, ocupa um papel central no processo cinematográfico, uma vez que concentra as principais decisões criativas. A desigualdade nesse espaço impede que cineastas mulheres tenham a mesma oportunidade de apresentar suas perspectivas e contribuir para a diversidade de representações no cinema nacional. Quando se amplia o olhar para a questão racial, a situação torna-se ainda mais alarmante. Segundo a ANCINE (2018), o mercado cinematográfico brasileiro segue dominado por homens brancos: dos 142 longas-metragens lançados comercialmente em 2016, 75,4% foram dirigidos por essa parcela da população. Mulheres brancas assinaram a direção de apenas 19,7% dos filmes, enquanto 2,1% foram dirigidos por homens negros. Nenhum filme, naquele ano, teve direção ou roteiro assinado por uma mulher negra.

A completa ausência de cineastas negras na direção de filmes em 2016 ilustra a exclusão sistemática dessas profissionais no audiovisual. Embora este estudo não tenha um recorte racial específico, a marginalização das mulheres negras é um dado incontornável, pois evidencia a interseccionalidade das desigualdades de gênero e raça. Esse apagamento reforça a necessidade de políticas e iniciativas que promovam maior equidade, levando em consideração fatores como classe social e localização geográfica. Embora avanços tenham sido alcançados ao longo das últimas décadas, as mulheres ainda enfrentam barreiras significativas para ocupar posições de destaque no cinema brasileiro.

A disparidade em termos de oportunidades e reconhecimento continua evidente, demonstrando que, apesar dos avanços, a participação feminina no setor audiovisual segue marcada por desafios estruturais. Os dados dos principais festivais de cinema do país, como o Festival de Brasília e o Festival de Gramado, bem como os levantamentos da Ancine, evidenciam a sub-representação das cineastas na direção e em cargos de liderança, além das dificuldades para a obtenção de financiamento e distribuição de seus filmes. Embora o número de mulheres na direção tenha crescido nos últimos anos, a presença feminina ainda é significativamente menor do que a masculina, o que reflete a persistência de barreiras institucionais e culturais. A escassa premiação de obras dirigidas por mulheres e a predominância de produções masculinas em grandes festivais reforçam a necessidade de políticas públicas eficazes e ações afirmativas que incentivem a equidade de gênero no setor.

REFERÊNCIAS

ANCINE. **ANCINE apresenta estudo sobre diversidade de gênero e raça no mercado audiovisual.** Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/assuntos/noticias/ancine-apresenta-estudo-sobre-diversidade-de-genero-e-raca-no-mercado-audiovisual>. Acesso em: 25 fev. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos.** Tradução Sérgio Milliet. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

HOLANDA, Karla.; TEDESCO, Marina Cavalcanti. **Feminino e plural: mulheres no cinema brasileiro.** Papyrus Editora, 2018.

TEDESCO, Marina Cavalcanti. **Mulheres atrás das câmeras: As cineastas brasileiras de 1930 a 2018** (*Women behind the Camera: Brazilian Filmmakers, 1930–2018*), edited by Luiza Lusvarghi and Camila Vieira da Silva and *Mulheres de cinema (Women of Cinema)*, edited by Karla Holanda. 2020.

ZECCHI, Barbara. **Gynocine: teoría de género, filmología y praxis cinematográfica.** Madrid: Cátedra, 2013.